



Ouvindo rádio em Maio de 68: Barthes e o protagonismo da palavra radiofônica¹

Valci Regina Mousquer Zuculoto²

Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do
Rio Grande do Sul - PUCRS

Resumo

O rádio tem sido constitutivo da história da sociedade. Ao transmitir acontecimentos, influencia e é influenciado. Mas em vários episódios, deixa de ser apenas um elemento a mais nesta imbricada construção histórica. Destaca-se como um dos personagens principais, tal seu papel na constituição dos fatos que informa. BARTHES(1984) observou este protagonismo ao analisar o Maio de 68 parisiense no texto ‘L’écriture de l’événement’, que, entre outras, encontra-se na publicação francesa “Le Bruissement de la Langue”(1984). Sublinhou que a escrita daquele episódio teve “aspectos originais”, um deles a “palavra radiofônica” e que esta foi “o próprio acontecimento”. Neste ensaio, explicitamos a escuta barthesiana sobre o rádio naqueles dias em que a França e o mundo explodiram em revoltas contra poderes estabelecidos. E a analisamos aplicando referenciais do próprio Barthes e de outros estudiosos do rádio e do Maio de 68.

Rádio; Maio de 68; Barthes; História do Rádio

“*Ce n’est q’un début*”

(pichação nos muros de Paris em Maio de 68)

O rádio tem sido, desde sua invenção, um elemento constitutivo da história da sociedade na qual está inserido. E assim, ao transmitir e informar os acontecimentos, influencia e é influenciado nas suas próprias transformações históricas, numa interação dialética, numa intertextualização ao modo barthesiano de ver a cultura como “*conjunto infinito das leituras, das conversas*”, e o meio que forma como “*uma rede de relações, de apoios, de modelos*” (BARTHES, s.d.:63-107). Mas em vários episódios mundiais, o rádio deixa de ser apenas um elemento a mais nesta imbricada construção. Destaca-se como o personagem principal ou um dos protagonistas, tal o seu papel na constituição dos acontecimentos que narra ou informa. Barthes observou este protagonismo construtor ao analisar o Maio de 68 parisiense no seu texto “*L’écriture de l’événement*”,

¹ Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Rádio e Mídia Sonora

² Valci Zuculoto é professora do Curso de Jornalismo da UFSC, jornalista graduada pela UFRGS, mestre e doutoranda em comunicação na PUCRS, como bolsista da Capes. Também é diretora da FENAJ, do SJSC e do Fórum Nacional de Professores de Jornalismo. Já trabalhou na Zero Hora, Rádio Gaúcha, Isto É, O Globo e foi diretora da FM Cultura/RS. E-mail: valci@cce.ufsc.br



que se encontra, entre outras, na publicação francesa “*Le Bruissement de la Langue*”(1984). No seu texto, Barthes sublinha que os acontecimentos de Maio de 68 “*parecem ter sido escritos de três modos*” que revelaram “*aspectos originais*”, um deles a “*palavra radiofônica*” e que esta foi “*o próprio acontecimento*”.

Neste nosso ensaio, ao explicitarmos a escuta de Barthes da palavra radiofônica no Maio de 68 parisiense, buscamos entender de que maneira o semiólogo captou o rádio e sua participação naqueles dias em que a França e o mundo fervilharam em revoltas contra poderes estabelecidos. Compreender porque Barthes ouviu e observou o rádio e sua palavra, sua escrita como personagens principais. E a partir desta compreensão, ainda explicitar de que forma o rádio influenciou, escreveu aquele fenômeno histórico e também como aqueles acontecimentos influenciaram as transformações históricas do veículo, sua linguagem, suas características, seus usos, seu potencial.

Para estes entendimentos, através de um diálogo³, lançamos mão de referenciais teóricos, categorizações, conceituações do próprio Barthes e de outros estudiosos do rádio e do Maio de 68. Recorremos, entre outros, a ARNHEIM (1936), COLLIN(1982, MEDITSCH (1999;2005), MCLUHAN(1964), DEL BIANCO(2005), ECO(1981:213-231) que em seus estudos, ensaios, obras têm analisado, no geral, em outros momentos históricos ou mesmo em relação a Maio de 68, a força da informação instantânea do rádio, o poder da palavra radiofônica em transformar acontecimentos, a construção do discurso informativo do rádio, influências da forma e do conteúdo no radiojornalismo, entre outros aspectos e recortes. Entre estes autores, encontramos inclusive abordagens do tema rádio analisados em debates com a semiologia barthesiana. Também convidamos para este diálogo pesquisadores e suas análises sobre Barthes e a mídia, como RAMOS (2006).

Metodologicamente, estudamos Barthes e sua palavra radiofônica através da DHE - Dialética Histórico Estrutural. Isto porque vislumbramos nesta metodologia a

³ Aqui utilizamos a palavra diálogo no seu sentido denotativo, objetivo e expresso. Ou seja, diálogo enquanto conversa. Uma conversa com a concepção barthesiana para a qual convidamos outros autores e estudiosos do rádio, do Maio de 68, da própria teoria de Barthes. A palavra diálogo, portanto, neste ensaio não deve ser entendida como Barthes a observou, conotativamente, ao se referir a diálogo como um espaço de construção de “armadilhas” (BARTHES, s.d.:57-61)



que mais identifica e se identifica com o semiólogo. A DHE combina história e estrutura, mas leva mais em conta as transformações históricas e estruturais, é um meio termo entre objetivismo e subjetivismo. Parte de estruturas dadas, contextos dados, entendendo que a partir deles e carregando-os, é possível interferir no destino, fazer história própria (DEMO, 2000:104-108).

No caso específico deste ensaio, recorreremos à DHE porque o objeto é uma concepção barthesiana sobre o papel da palavra radiofônica num fenômeno histórico, sublinhando aspectos e conceitos que são apostas da dialética e também categorias de Barthes que trouxemos para este trabalho de análise: o discurso, o poder e a cultura.

Aplicamos, para a análise, “a priori” estas categorias que o próprio Barthes nos disponibiliza. Acreditamos que a DHE e estes três conceitos classificatórios barthesianos dão conta de explicitar como Barthes ouviu o rádio e sua palavra naqueles dias vermelhos de maio em Paris, e partir daí, como a radiodifusão, em mais um momento histórico, foi uma das próprias escritas do acontecimento e também se transformou por sua influência.

Para que ouvir Barthes e sua palavra radiofônica no Maio de 68

Analisar este texto de Barthes, recortando-o apenas nas suas escutas da palavra radiofônica nos vermelhos dias de 68 em Paris, visa, numa proposição mais geral, contribuir com os estudos e publicações brasileiras sobre o rádio. Embora tenham dado um salto nos últimos 15 anos, estes ainda encontram lacunas, especialmente em relação a discussões acerca de resgates históricos, pesquisas e análises teóricas sobre esta mídia tão antiga (já se passaram 100 anos do seu advento no mundo), mas ainda em construção histórica, técnica, de linguagem específica e de características, tanto de emissão quanto de recepção.

A pesquisadora Magda Cunha avalia que *“o quadro de uma produção científica insignificante, a respeito deste meio tão popular, foi modificado radicalmente nos últimos 15 anos. Hoje, os estudos, a reflexão e especialmente a publicação na área são significativos”* (CUNHA, in MEDITSCH, 2005:13). Ela faz esta avaliação referindo-se ao trabalho de pesquisa e de publicações que estudiosos brasileiros do rádio vêm



empreendendo nas duas últimas décadas principalmente, e em especial a partir dos debates, encontros, formulações e definições no espaço do *Núcleo de Pesquisa em Rádio e Mídia Sonora da Intercom*. E a faz no prefácio do livro *Teorias do Rádio* (MEDITSCH, 2005), uma coletânea de artigos deste grupo de estudiosos que analisam textos teóricos sobre o rádio de autores de todo o mundo. Até então inéditos ou raros em publicações brasileiras e portuguesas ou pouco disseminados e analisados, conforme o organizador Eduardo Meditsch chama a atenção na introdução, são textos

“[...]de reflexão sobre o meio, sua tecnologia, política, linguagem, características, recepção e modos de usar, todos eles de autores(estrangeros e brasileiros) que não deveriam deixar de ser lidos por quem se propõe a estudar e a entender a primeira e mais mágica das mídias eletrônicas” (MEDITSCH, 2005:15).

“*A escrita do acontecimento*” de Roland Barthes, onde o semiólogo sublinha o protagonismo da palavra radiofônica no maio francês de 1968, é outro dos textos sobre rádio que não se pode deixar de ler, entender e analisar. Por isso, faz-se escutar neste segundo volume, quase 40 anos depois da sua produção trazendo ainda fortes ecos da decisiva participação do rádio naquele mês vermelho na França e no mundo.

O papel desempenhado pelo rádio em acontecimentos históricos marcantes da humanidade, como a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais, tem sido destacado em grandes obras sobre a história da radiofonia no Brasil e no mundo.

“Assim como a Primeira Guerra Mundial tinha colocado em evidência a imensa importância estratégica da radiofonia para a coordenação das operações militares, a Segunda Guerra Mundial demonstrou a excepcional relevância da radiodifusão multilíngue em ondas curtas e a longa distância para mobilizar a opinião pública amiga, romper o monopólio informativo nos países ocupados e confundir as fileiras inimigas” (GIOVANNINI, 1987:233).

No cinema a participação e a influência do rádio sobre momentos e personalidades históricas vêm sendo destacadas há muito, por alguns. No discurso que encerra *O Grande Ditador*, Chaplin chama a atenção, com estilo grandioso e expressivo:

“[...] a aviação e o rádio aproximaram-nos muito mais. A própria natureza dessa aproximação é um apelo eloqüente à bondade do homem.[...] A alma do homem ganhou asas e afinal começa a voar.[...]”



Mesmo assim, muito ainda é necessário resgatar, explicitar ou disseminar. Tanto que, bem recentemente, ao fazer a apresentação de “*Batalha Sonora – O Rádio e a Segunda Guerra Mundial*” (GOLIN e ABREU, 2006), o pesquisador João Batista de Abreu justificou:

“Pesquisadores e professores de rádio sempre enfrentaram problemas de bibliografia e acervo sonoro escassos.[...] Despendia-se mais tempo na busca de livros e artigos e no garimpo de dados do que na preparação das aulas. Primo pobre da pesquisa audiovisual, o rádio servia, na maioria das vezes, como campo de estudos para trabalhos de Sociologia e Antropologia.[...] Nos últimos anos o rádio começou a recuperar a atenção do meio acadêmico como espaço importante para resgatar aspectos relevantes da História brasileira e mundial; um contador de histórias, testemunha ocular de episódios e momentos que marcaram o século XX”(ABREU, in GOLIN e ABREU, 2006:11-12).

E embora o papel do rádio no Maio de 68 seja destacado em várias obras sobre a história da radiofonia, isto é feito apenas como registro, rápida e superficialmente. O texto de Barthes, portanto, apresenta-se como um dos poucos a realmente expressar como a palavra radiofônica ecoou daqueles dias franceses. Daí a importância de disseminá-lo e entendê-lo. Não só para contribuir com os estudos sobre o rádio, mas também – e com igual necessidade – para se saber como aqueles acontecimentos foram escritos, foram construídos. Porque igualmente disto ainda precisamos. Ou isto ainda devemos. Morin, que viveu aqueles dias, já então observou: “*Vão ser precisos anos e mais anos para se entender o que se passou*” (MORIN, apud VENTURA, 2006:18)

Captando com Barthes e outros autores a palavra radiofônica do Maio de 68

Em Paris, na França, a explosão social que ficou conhecida como Maio de 68 se deu a partir da revolta dos estudantes e professores contra a concepção, formulação e exercício da educação. Em seguida, como um rastilho de pólvora incendiou demais segmentos da sociedade civil organizada francesa e se espalhou pelo mundo, onde milhões se insurgiram, ao seu modo e do seu jeito, contra poderes que os oprimiam em qualquer esfera da estrutura social.

Ouvimos o texto de Barthes sobre a palavra radiofônica nos acontecimentos de 68 recorrendo a algumas de suas próprias categorias de análise: o discurso, o poder e a cultura. Para BARTHES (1984:91-100), há dois tipos básicos de Discurso, expressos

pelas suas relações com o Poder. Um deles Barthes classifica como os Discursos Encráticos, que se desenvolvem e se marcam na luz ou na sombra do Poder e que se apresentam ou se representam pelos aparelhos estatais, institucionais, ideológicos, entre outros. O outro tipo, na semiologia barthesiana, é formado pelos Discursos Acráticos. São os que se elaboram, se armam fora e/ou contra o Poder. Mesmo assim, as suas batalhas e/ou vitórias contra os poderes podem acabar constituindo-se em outra forma de poder ou usar dos seus discursos, os encráticos (BARTHES, 1984:97).

O Poder é, conforme captamos no entendimento barthesiano acerca dele (BARTHES, 1977:7-16), imutável, perpétuo na história, mas sempre se singulariza em cada conjuntura, em cada discurso

Como a Cultura, na concepção barthesiana (BARTHES, s.d.:84-85:93-94), é dialética e se constitui do conjunto infinito das leituras, das conversas, do intertexto, analisamos “*A Escrita do Acontecimento*” com as três categorias de Barthes que trouxemos para este ensaio, entendendo-as como imbricadas, influenciando umas as outras.

Tendo a “*palavra radiofônica*” de Barthes em Maio de 68 como objeto recortado de estudo, também a ouvimos com o mesmo entendimento barthesiano de que a sua conotação (onde “vibra o social”) tem hegemonia e são inseparáveis da fisionomia social e histórica (RAMOS, 2006).

E assim fizemos como MEDITSCH (1999) em seu “*A Rádio na Era da Informação*” que procurou compreender cientificamente o veículo, sua linguagem, seu discurso informativo recorrendo, entre outros, a esta concepção barthesiana e cruzando com a proposta de Faus Belau para identificar “*os condicionamentos que a forma exerce*” sobre o conteúdo do radiojornalismo (MEDITSCH, 1999:141).

Ao analisar como Maio de 68 foi escrito, foi construído e construiu aqueles dias em Paris, BARTHES (1984:175) começa por observar que “*descrever o acontecimento implica que o acontecimento tem sido escrito*” para, em seguida, perguntar: *como é que um acontecimento pode ser escrito? O que pode querer dizer ‘a escrita do acontecimento’?*

Logo depois, o semiólogo passa a responder suas próprias perguntas sublinhando que “*os acontecimentos de Maio de 68 parecem ter sido escritos de três modos, com três escritas, as quais, na conjunção poligráfica, formam, talvez, sua originalidade histórica*” BARTHES (1984:175). As três escritas evidenciadas por ele são *A palavra, O símbolo e A violência*.

Em relação à Palavra, sua escuta é de que teve “*aspectos originais*”. E entre estes, destaca a “*palavra radiofônica*”, mais as estabelecidas pelas falas “*nas relações de força entre os diferentes grupos e partidos empenhados na crise*”, e ainda a “*palavra estudantil*”. Para BARTHES, “*foi a palavra que, de certo modo, lavrou a história*” daquele maio em Paris.

No seu artigo, ao analisar mais especificamente a palavra radiofônica (BARTHES, 1984:175-176), o semiólogo a classifica como história auditiva e em elaboração. Escutando rádio e observando os que, então, também ouviam seus transístores, BARTHES entendeu que o ouvido voltava a ser “*o sentido que funda o conhecimento*”. Mais ainda, a sua compreensão que captamos de “*A Escrita do Acontecimento*” é de que:

“a palavra informativa (do repórter) foi tão estreitamente misturada ao acontecimento, à própria opacidade do seu presente (basta pensar em certas noites de barricadas, que era o seu sentido imediato e consubstancial, o seu modo de ascender a um inteligível instantâneo[...], ela era o próprio acontecimento” (BARTHES, 1984, 175-176).

Em COLLIN (1982:19-42) e em ECO(1981:213-214) igualmente encontramos descrições e mesmo análises de como o rádio e suas palavras, suas transmissões se tornaram elementos tão constitutivos do Maio de 68 quanto os estudantes e demais segmentos que explodiram em revoltas contra os poderes da época. Ou seja, assim como Barthes, principalmente ECO captou o rádio e sua palavra como protagonista, como a própria escrita daquele acontecimento.

COLLIN (1982:19-42) não dá o destaque de personagem principal, mas vê no Maio de 68 um dar-se conta de que a comunicação tem potencial para desenvolver meios alternativos aos dominantes. E no seu rastro, identifica o nascer do movimento

que mais tarde, principalmente no final dos anos 70 e década de 80, iria resultar num outra explosão sonora, a das rádios livres e, posteriormente, nas comunitárias.

ECO(1981:213-214), no seu artigo “*Una nueva era en la libertad de expresión*”, lembra que mesmo distante de Paris – ele se encontrava na Itália - conseguia visualizar cada momento da rebelião, o deslocamento das passeatas, das manifestações, passo a passo, rua por rua, somente acompanhando as reportagens ao vivo, diretas, pela Rádio Montecarlo.

“Recordava dia desses como acompanhei o maio de 68 de Paris, hoira a hora, minuto a minuto, um dia trás do outro. Naquela época viajava de Milão a Florença, pela auto-estrada[.] A Rádio Montecarlo transmitia a reportagem mais perfeita que já tinha ouvido em minha vida. Bastava recordar o mapa da cidade: ali estavam, a manifestação se estendia desde a Sorbonne até o Sena no largo de Boul’Mich, chega a polícia a partir de Saint-Germain, os manifestantes em fuga tomam a rua de Huchette, a polícia os ataca[.] Se estivesse lá, saberia como encontrar a manifestação, como evitá-la, como mover-me[.]” (ECO, 1981:213-214).

A palavra radiofônica pichando os céus de Paris

*“E eu digo sim/Eu digo não ao não/Eu digo é proibido proibir”
(cantava Caetano Veloso)*

Outra observação de Barthes em “*A Escrita do Acontecimento*” que levamos em conta como importante para explicitar a sua concepção acerca do que representou o rádio naquele maio vermelho em Paris, encontramos em nota de rodapé de seu artigo:

“é preciso que lembremos daquelas ruas cheias de homens imóveis, sem verem nada, sem olharem para nada, de olhos no chão, mas de ouvido colado ao transistor elevado à altura do rosto, figurando assim uma nova anatomia humana” ” (BARTHES, 1984, 175).

Ao descrever esta cena parisiense de Maio de 68, Barthes nos faz lembrar de McLUHAN (1964) e o sugestivo título de sua obra “*Os meios de comunicação como extensão do homem*. E nos leva a recorrer ao texto “*Rádio: o tambor tribal*”, extraído desta obra de McLUHAN (in MEDITSCH, 2005, 143-152), para observar que, naqueles dias vermelhos em Paris, o rádio mostrou seu poder de retribalizar a sociedade, de narrar o acontecimento ao mesmo tempo para vários e no exato momento em que acontecem. Em 1964, McLUHAN (in MEDITSCH, 2005, 149) já alertava:



“[...] o rádio é uma extensão do sistema nervoso central, só igualada pela própria fala humana. [...] O cruzamento destas duas poderosas tecnologias humanas não poderia deixar de fornecer algumas formas extraordinariamente novas à experiência humana. [...] A força elétrica, antitética, da informação instantânea, que reverte a explosão social em implosão, a empresa particular em home de organização e impérios em expansão em mercados comuns, tem sido tão pouco considerada quanto a palavra escrita. Passou despercebido o poder do rádio em retribalizar a Humanidade, bem como a quase imediata reversão que produziu do individualismo para o coletivismo, fascista ou marxista[...]”.

Para Barthes, como podemos analisar em “A Escrita do Acontecimento”, este poder não passou despercebido. Mais ainda, Barthes foi além e percebeu que a palavra do rádio tinha potencial para não apenas informar, mas produzir transformações históricas, escrevendo, ela própria, um acontecimento.

Se o seu discurso, assim como aquele que narrava, foi acrático, informando sobre a revolta contra poderes estabelecidos, acabou também pichando, pelas ondas sonoras, os ouvidos e, desta forma, transformando-se num outro poder e por vezes, quem sabe, até usando dos enclíticos.

É de ressaltar aqui que são as características técnicas e de linguagem do rádio como o imediatismo, a instantaneidade, a mobilidade (tanto pelo lado emissor quanto pelo ouvinte) que também conferem este potencial, este poder à radiodifusão. E que são elementos, assim como a forma, que acabam por provocar transformações históricas na construção do radiojornalismo e sua linguagem, como refere MEDITSCH . Se a palavra radiofônica de Maio de 68 se construiu a partir do uso dos recursos do imediatismo, da instantaneidade e da mobilidade, estes só foram possíveis graças a avanços tecnológicos da radiodifusão, com destaque para o transístor, que possibilitou a “invenção” do aparelho portátil.

Henri WEBER, escritor e senador pelo Partido Socialista francês em 99, analisou assim a questão do poder no movimento de 1968:

“[...]É dirigido contra todas as formas autoritárias de poder, em todas as instituições: na escola e na universidade, é claro, mas também na família, no casamento, nas empresas, em todas as organizações e, evidentemente, na sociedade política. É a rejeição de toda a forma de poder baseada na força, na coação e na tradição. É a aceitação como única forma de poder legítimo do que for baseado no consentimento dos indivíduos, seja porque eles reconheçam

o poder como competente, seja porque eles mesmos o designaram mediante eleições. É a aspiração ao direito de participação para todos igualmente, à tomada de decisões. [...]É, portanto, um grande movimento democrático, libertário, igualitário, que exige mais direitos individuais e coletivos, mais liberdades, liberdades novas, e notadamente que as formas de dominação tradicionais ou ultramodernas tecnocráticas sejam modificadas” (WEBER, 1999:22)

REIS FILHO e MORAES(1998), em suas descrições e análises sobre Maio de 68, igualmente dão pistas, corroborando BARTHES (1984:175-178), que o acontecimento incluiu inter-relações e travamento de batalhas entre várias formas de poder, estabelecidos e reivindicados

“Uma vaga impressionante de manifestações, envolvendo dezenas de milhares de pessoas, se levantaria contra a ação policial e as autoridades, entre 6 e 11 de maio. No dia 10 uma noite de barricadas marcou um primeiro ápice do movimento. O poder recuou: liberou os estudantes presos, retirou-se da Sorbonne e do Quartier Latin, centro dos acontecimentos. [...] Em Strasbourg, criou-se a primeira universidade livre – os estudantes proclamaram o poder estudantil, ocuparam os prédios e passaram a administrá-los[...]” (REIS FILHO e MORAES, 1998:37).

Outro poder que travava batalha então era o do próprio sistema francês de radiodifusão, que a exemplo de quase toda a Europa, até recentemente era exclusivamente estatal.

“[...]Na França, o estado sempre mantivera um rigoroso controle sobre a radiodifusão. Com a libertação da França em 1944, surgira a proposta de um serviço nacional de radiodifusão que, na prática, não demorou para tornar-se governamental, frustrando-se assim as expectativas do público. Os sucessivos presidentes franceses assumiram que a radiodifusão era propriedade sua. A título de ilustração, logo após os acontecimentos de maio a junho de 1968, quando os estudantes franceses e, em seguida, 11 milhões de trabalhadores entraram em greve, alguns funcionários da rede de notícias que havia aderido à greve foram demitidos pelo governo ou transferidos para as províncias quando o tumulto cessou. [...]” (DOWNING, 2002:251)

O que se capta ainda sobre como o rádio protagonizou o Maio de 68 é de que não se tratou apenas de reivindicar liberdade de emissão e de recepção, ou liberdade da própria sociedade em relação a poderes estabelecidos.

Não se tratou apenas da percepção de uma nova forma de escrever o acontecimento histórico. Na mesclagem, no intertexto que constituem as diversas escritas de um acontecimento (neste caso uma delas é pela ação do homem que se dá



através da comunicação, via palavra escrita, palavra radiofônica, palavra dos discursos), explicita-se ainda que por meio desta escrita - a escrita da palavra, inclusive e principalmente a radiofônica - se construiu uma nova forma de escrever. E nesta nova forma, nesta nova cultura, a palavra ecoou modificada e o próprio homem se modificou, na sua liberdade de expressão, ao se fundir com o veículo de comunicação, fazendo-o sua extensão e reconhecendo o rádio também como personagem principal da história, daquela história singular.

É como resgata, quase 20 anos depois, um dos também principais personagens daqueles tempos explosivos na França e no mundo, o então estudante Daniel Cohn-Bendit, o mais destacado dos líderes do movimento, que ficou conhecido como Daniel, o Vermelho:

“Em 1968, o planeta todo pegou fogo. Foi se como uma palavra de ordem universal tivesse sido dada. Em Paris, Roma, Berlim ou Turim, a calçada e o paralelepípedo tornaram-se os símbolos de uma geração revoltada. [...] Graças ao fulgurante desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, fomos a primeira geração a vivenciar num turbilhão de sons e imagens a presença física e cotidiana da totalidade do mundo.[...]” (COHN-BENDIT, 1987:10)

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALBERT, Pierre e TUDESQ, André-Jean. *Historia de la Radio y La television*. Mexico, Fondo de Cultura Economica, 1982.

ARNHEIM, Rudolf. *Estética Radiofônica*. Barcelona, Gustavo Gili, 1980.

BARTHES, Roland. *A Aula*. São Paulo, Editora Cultrix, 1989.

_____. *Enssais Critiques IV: Lê Bruissement de la Langue*. Paris, Éditions du Seuil, 1984.

_____. *Escritores, Intelectuais, Professores e outros ensaios*. Lisboa, Editorial Presença, s.d.

_____. *O Grau Zero da Escritura*. Lisboa, Edições 70, 1989.

_____. *O Rumor da Língua*. Lisboa, Edições 70, 1984.

COLLIN, Claude. *Ondes de Choc – de l’ usage de la radio em temps de lutte*. Paris, Éditions L’ Harmattan, 1982.

COHN-BENDIT, Dany. *Nós que amávamos tanto a revolução*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1987.



CUNHA, Magda. *Prefácio*. In: MEDITSCH, Eduardo(org). *Teorias do Rádio – textos e contextos*. Volume I, Florianópolis, Editora Insular, Intercom e Posjor UFSC, 2005.

DEL BIANCO, Nélia. *O Tambor tribal de McLuhan*. In: MEDITSCH, Eduardo(org). *Teorias do Rádio – textos e contextos*. Volume I, Florianópolis, Editora Insular, Intercom e Posjor UFSC, 2005.

DEMO, Pedro. *Metodologia do Conhecimento Científico*. São Paulo., Atlas, 2000.

DOWNING, John D. H. *Mídia Radical – Rebelia nas Comunicações e Movimentos Sociais*. São Paulo, Editora SENAC, 2002.

ECO, Umberto. *Uma nueva era em la libertad de expresión*. In: BASSETS, Lluís(ed). *De las ondas rojas a las radios libres – Textos para la historia de la radio*. Barcelona, Gustavo Gili, 1981.

FAUS BELAU, Angel. *La Radio: Introducción a un medio desconocido*. Madri, Editorial Lima, 1981.

GOLIN, Cida e ABREU, João Batista de (ORGs). *Batalha Sonora – O Rádio e a Segunda Guerra Mundial*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2006.

Institut National de L’Audiovisuel e Conseil Supérieur de L’Audiovisuel. *Lês Chiffres Clés de La Radio – France 1993*. Paris, Diffusiom La Documentatiom Française, 1994.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Cultrix, São Paulo, 1964.

MEDITSCH, Eduardo Barreto Vianna. *A Rádio na era da informação – Teoria e Técnica do Novo Radiojornalismo*. Coimbra, Minerva, 1999.

_____(org). *Teorias do Rádio – textos e contextos*. Volume I, Florianópolis, Editora Insular, Intercom e Posjor UFSC, 2005.

PONGE, Robert (Org.). *1968, o ano das muitas primaveras*. Porto Alegre, Unidade Editorial/Prefeitura de Porto Alegre, 1998.

RAMOS, Roberto. *Roland Barthes – Semiologia e Cultura*. Em *Questão*, América do Sul, Vol. 12, No 1, 2006. <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/131>

RAMOS, Roberto e BIZ, Osvaldo. *O âncora e o neoliberalismo: a privatização do sentido*. Porto Alegre, Editora Evangraf, 2007.

REIS FILHO, Daniel Aarão e MORAES, Pedro de. *68 - a paixão de uma utopia*. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

RIBEIRO, Solano. *Prepare seu coração. A história dos grandes festivais*. São Paulo, Geração Editorial, 2002.

VENTURA, Zuenir. *1968: O ano que não terminou*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2006

WEBER, Henri. *Um balanço de 1968*. IN: GARCIA, Marco Aurélio e VIEIRA, Maria Alice (ORGs). *Rebeldes e Contestadores. 1968 - Brasil, França e Alemanha*. São Paulo, Editora Perseu Abramo, 1999.